

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: MUDANÇA E MEMÓRIA

Sonia M. L. Cyrino
(Unicamp/CNPq)

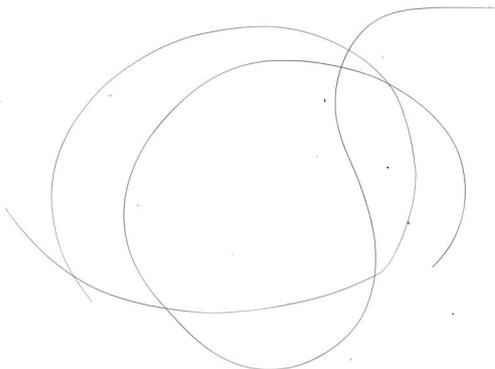
Mariângela P.G. Joanilho
(UEL)

RESUMO: *Este trabalho discute os percursos de configuração dos sentidos da língua nacional no Brasil, a partir do estudo de textos publicados em jornais brasileiros do fim do século XIX e do início do XX. A análise enunciativa do dizer sobre a língua, de um lado, e de um fato sintático – o preenchimento do objeto direto, de outro, mostra que no espaço de trabalho da língua no corpus emergem diferenças e/ou regularidades que permitem observar a fundação de um discurso sobre identidades brasileiras, bem como perceber esse movimento de identidade nas formas da língua.*

ABSTRACT: *This article discusses the trajectories of configuration of senses of the national language in Brazil, based on a study of texts published in Brazilian newspapers by the end of the nineteenth and beginning of the twentieth century. The enunciative analysis of what is said about the language, on the one hand, and of a syntactic fact – the filling of the direct object, on the other, shows that in the workspace of language differences and/or regularities emerge which make it possible to observe the foundation of a discourse on Brazilian identities, as well as to capture this movement of identity in the forms of the language.*

Introdução

Este trabalho busca estabelecer um caminho para compreensão das relações existentes entre o sistema e a produção de um conhecimento sobre e a partir do sistema, ou seja, da relação entre a língua e as idéias lingüísticas. Para tanto, analisamos o contraponto existente entre os tra-



Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

ços lingüísticos não-estigmatizados pela norma e a historicidade que marca esse uso em um corpus de textos da imprensa brasileira dos séculos XIX e XX.

O período correspondente à segunda metade do século XIX interessa fundamentalmente porque, dentro da classificação proposta por Guimarães (1996: 127-128) para a gramatização brasileira, "(...) uma das características que marcam os estudos do Português no Brasil nesse momento é o trabalho de demonstrar que o Português que aqui se falava e escrevia era diferente do Português de Portugal." Esse período iria, então, conforme o autor, da segunda metade do século XIX até fins dos anos 30, "(...) quando da fundação das Faculdades de Letras no Brasil: tanto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (em 1937) quanto da Faculdade Nacional de Letras da Universidade do Brasil (em 1939)."

No entanto, há, ainda segundo o autor, nesse período, uma tentativa de tratar a unidade do Português de Portugal e o do Brasil, sob o pretexto da necessidade de troca cultural entre estes países de Língua Portuguesa.

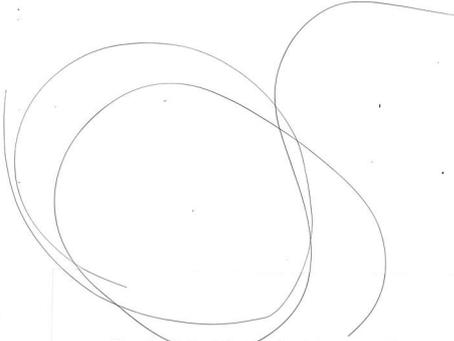
Neste trabalho, analisamos como se dá essa diversidade, isto é, o tratamento da diferença a partir de uma suposta unidade constitutiva do idioma nacional, identificando uma estrutura do português brasileiro em particular, demonstrada através de textos da imprensa do século XIX, que revela uma memória trazida por esse processo.

1. A constituição dos saberes sobre a língua

Na tentativa de construir este nosso dispositivo teórico-analítico, remeteremos, a partir de agora, a Sylvain Auroux que, em *A Revolução Tecnológica da Gramatização* (1992), chama a atenção para o fato de que a linguagem é e tem história. Logo, encontramos na base da constituição do saber lingüístico um caráter empírico e técnico, desenvolvido de um ponto de vista histórico.

Considerar esta dimensão do processo é o seu propósito. De nossa parte, compreendemos que a questão fundamental de Auroux nesta obra é tratar de mostrar a constituição do saber lingüístico, como realidade histórica, processo de dominação, que se faz, fundamentalmente, pelo trabalho de missionários "(ou exploradores, ou atualmente, os lingüistas)". (1992:74)

Trabalhar essa espessura histórica da constituição de um saber sobre a linguagem é organizar, (re)construir o passado, pois "sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber." (1992:13) Um trabalho dessa natureza constitui o que o autor chama de *gramatização*:



Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje, os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário.” (1992:65) A gramatização se faz, então, por revoluções, por rupturas. Nos termos do autor, o advento da escrita no terceiro milênio antes de nossa era constitui a primeira revolução técnico-lingüística e, a gramatização massiva das línguas do mundo a partir da tradição greco-latina, a segunda. Esta só terminará no século XX e criará, como propõe Auroux, “uma rede homogênea de comunicação centrada inicialmente na Europa. (1992:35)

Interessa-nos compreender como o autor formula, na constituição dos sentidos dessa revolução, seus dizeres sobre o que sejam a linguagem, o sujeito e a história, pois de seus dizeres surgiram redes de filiação de sentidos criadoras de condições de observação de regularidades e diferenças importantes no tratamento e no uso das línguas.

A linguagem pode-se explicar na base das descrições e representações da construção do saber lingüístico em suas relações com os saberes sociais de um ponto de vista histórico. E essa compreensão sobre a natureza e o funcionamento da linguagem se faz, conforme o autor, pelo processo mesmo de gramatização das línguas. Em suas palavras: “*Seja a linguagem humana, tal como ela se realizou na diversidade das línguas; saberes se constituíram a seu respeito; este é o nosso objeto.*” (1992:13, já grafado em itálico no original.)

Se a linguagem se reconhece pelo estatuto das línguas e pelos saberes lingüísticos, a alteridade, esse (re)conhecimento da presença do outro na e pela linguagem acontece, inicialmente, a partir de um estatuto filológico e lexicográfico, pois: “(...) o florescimento do saber lingüístico tem sua fonte no fato de que a escrita, fixando a linguagem, objetiva a alteridade e a coloca diante do sujeito como um fato a resolver.”

O historicismo aparece em Auroux como modo de compreensão e tratamento dos fenômenos e noções que foram enumerados. Fundamentalmente, é um modo consistente de compreender a constituição dos saberes sobre a linguagem que coloca o histórico em seus estudos. E esse movimento de trazer a história para os estudos da linguagem não se faz de maneira automática e imediata, mas aponta para uma compreensão e um estudo da constituição dos saberes sociais, sem que a linguagem seja reduzida meramente a um meio de expressão de uma estrutura global das relações sociais, e sim como realidade histórica. Então, para alcançar uma compreensão dos saberes sobre a língua, há que se compreender, segundo o autor, que:

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes lingüísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contatos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medida, a anatomia ou a psicologia. (1992:28)

Consideramos que o espaço de contradição entre real – da língua e imaginário – sobre a língua oferece uma possibilidade de análise, verificando o efeito da memória que produz a singularidade histórica no acontecimento discursivo-enunciativo.

2. Situações de enunciação e língua nacional

Para localizar a discussão entre a manutenção da unidade e o reconhecimento da diversidade, apresentamos um estudo de Guimarães e Orlandi (1998), publicado na revista *Langages* 130, que mostra como a história da constituição da língua nacional no Brasil se inscreve “num jogo complexo entre o papel legislador do Estado e o papel regulador da instrução e da tradição gramatical.”¹

Os autores propõem duas situações de enunciação para este confronto, nomeadas “situação I” e “situação II”.

A “situação I” se configura a partir da “realidade ambivalente” produzida por um transporte – o português europeu transportado – e por um deslocamento – a construção de um lugar próprio de enunciação para o português no Brasil. Segundo os autores há nesse deslocamento uma intervenção significativa: “O político intervirá com o acontecimento da República no Brasil. Especificamente com relação à língua, ser autor de uma gramática é ter uma responsabilidade como homem de ciência e ter uma posição de autoridade com relação à singularidade do português do Brasil.” (1998:13)

“Estamos diante de uma situação enunciativa de transporte da situação enunciativa portuguesa (situação I). Mas como estamos no Brasil, este deslocamento traz outros contornos para a enunciação.”

A diferença torna-se cada vez mais uma diferença de ordem da língua (relação nome/nome) e não uma relação nome/coisa. Disso resulta o trabalho de classificação, de fixação, de organização de listas de palavras, de definições (Mazière, 1994, J. H. Nunes, 1996).

Nessa conjuntura enunciativa, o português “transportado” acaba por estabelecer no seu próprio lugar de enunciação uma outra relação palavra/

coisa cuja ambivalência se traduz pela distinção: na Europa/no Brasil. Um espaço de interpretação começa a se construir com esses deslizes de sentido, esses efeitos metafóricos diferentes entre o português do Brasil e o de Portugal. Produzem-se assim as transferências (distinguimos “transportes” e “transferências”: é nesse último caso que há o trabalho da memória local, do saber discursivo produzindo os deslizamentos historicizados). Temos acesso às materialidades discursivas que produzem os efeitos de sentidos diferenciados (Orlandi, 1993).” (Guimarães e Orlandi, 1998:18)

Já a “Situação II”, segundo os autores, é aquela em que “a unidade necessária do português brasileiro referida ao seu funcionamento historicamente determinado é uma marca de sua singularidade. Nessas condições, a variação não tem como referência Portugal, mas a diversidade concreta produzida nesse outro território, esse novo espaço de linguagem (Guimarães e Orlandi, 1998: 18).

Os autores ainda consideram, nesse mesmo trabalho, que “o processo de constituição da língua portuguesa (pela sua historicização em um outro território) se refere não a um modelo estático exterior ao seu campo de validade, mas ao seu uso relativo num novo espaço-tempo de práticas languageiras: (...)

Ter uma gramática, nessas condições, significa ter direitos à universalidade, ter direitos à unidade (imaginária) constitutiva de toda identidade. (Guimarães e Orlandi: 1998: 18)

3. Uma proposta de análise

Gostaríamos então de propor uma redescritção dessas duas situações de enunciação estabelecidas por Guimarães e Orlandi, para a descrição da unidade do português no Brasil, na medida em que consideraremos que essa unidade se faz no texto da imprensa do século XIX, por meio de uma escrita que evidencia formas da diversidade lingüística existente, a partir de uma memória coletiva que *funciona* nesses textos. Passaremos, a partir de agora, a mostrar este funcionamento. Para isso, trabalharemos com dados relativos a dois momentos distintos de análise. Em um primeiro momento, indicaremos alguns resultados das investigações de Cyrino (1994/1997) sobre o objeto nulo no português do Brasil e, em seguida, apresentaremos algumas considerações de Joanilho (2005) sobre o embate produzido na constituição dos sentidos da língua nacional, nesse período. Nossa preocupação fundamental é mostrar que, embora já tenha havido todo um processo de historicização da língua, como os estudos de Cyrino revelam, as insistências e os apagamentos produzem uma forma de pensar a língua

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joaquinho - Para a história do português

que a inscreve na situação de enunciação I, isto é, um lugar de enunciação em que o português do Brasil significa como português “transportado”.

3.1 Mudança e história

Cyrino (1994/1997) investiga a mudança ocorrida no objeto nulo do Português Brasileiro, e apresenta dados que indicam que essa alteração ocorre, em maior intensidade, no século XIX. A partir deste século, uma sentença como (1) abaixo, por exemplo, ocorre mais frequentemente nos documentos analisados:

(1) *Maria contou uma história interessante, mas ninguém ouviu.*

Nesse estudo diacrônico, Cyrino mostra que o objeto nulo no português brasileiro surgiu de uma série de fenômenos. Primeiramente, é assumida a hipótese de mudança de cliticização no PB apresentada em Nunes (1993). Essa mudança é proposta para o século XVII e impossibilitaria a ocorrência de clíticos de 3ª pessoa em certas estruturas, como por exemplo, início de sentença. Sendo possível dizer a mesma coisa com o clítico ou sem o clítico em contextos de elipse sentencial, o falante escolhe a opção “elipse”, pois assim evita os contextos onde a próclise seria impossível para o novo sistema de cliticização fonológica do PB.

Realmente, como Cyrino (1993) já mostra, o clítico neutro é o primeiro a desaparecer no PB, e essa mudança já pode ser detectada a partir do século XVIII. No século XIX, há um maior número de objetos nulos com o traço [-animado] e [-específico] como resultado de uma reanálise por parte da criança. Finalmente no século XX, os resultados para o objeto nulo são comparáveis aos de Duarte (1986). Essa mudança, a alteração na ocorrência de objetos nulos no PB é uma mudança não estigmatizada, pois passa despercebida ao falante.

Cyrino (2002) discute a ocorrência de complementos nulos em anúncios de jornal do século XIX, retirados da imprensa de algumas cidades brasileiras, nos estados de São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, anúncios compilados e apresentados em Guedes e Berlinck (2000).

Surpreendentemente, os resultados mostram uma diferença quando comparados com os resultados em Cyrino (1994/1997). Assim, vejamos a tabela 1 onde os traços [animado] e [específico] são apresentados conjuntamente para os dados de anúncios de jornal em Cyrino (2002):

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joaquinho - Para a história do português

Antecedente	Objeto nulo	Preenchimento	TOTAL
[+ específico,+ animado]	37 (20%)	151 (80%)	188 (100%)
[específico, - animado]	37 (28%)	95 (72%)	132 (100%)
[- específico, +animado]	5 (33%)	10 (67%)	15 (100%)
[- específico, - animado]	15 (44%)	19 (56%)	34 (100%)

Tabela 1. Objeto nulo em anúncios de jornal do século XIX, quanto ao antecedente.

A tabela 2 abaixo apresenta os mesmos tipos de ocorrências para os dados em Cyrino (1994/1997):

Antecedente	Objeto nulo	Preenchimento	TOTAL
[+ específico, +animado]	1 (2%)	45 (98%)	46 (100%)
[+ específico, -animado]	37 (49%)	38 (51%)	75 (100%)
[- específico, +animado]	0	12 (100%)	12 (100%)
[- específico, -animado]	1 (8%)	11 (92%)	12 (100%)

Tabela 2. Objeto nulo versus preenchimento, quanto ao antecedente, século XIX (adaptado a partir dos dados em Cyrino, 1994/1997)

Verificamos que o resultado para o antecedente do objeto nulo nos dados de anúncios de jornal é diferente do resultado do estudo de Cyrino (1994/1997). Enquanto nesse último o objeto nulo característico do PB (antecedente [+específico, -animado]) aparece com 49% em relação ao preenchimento, nos dados de anúncio de jornal a porcentagem é de apenas 28%.

Além disso, se olharmos as ocorrências dos objetos nulos nesses dados, como mostra a tabela 3 abaixo, e verificarmos sua distribuição quanto ao antecedente, observamos que a situação é a mesma - não há diferença de ocorrência do objeto nulo com antecedente animado e não-animado:

Antecedente	[+espec, +ani]	[+espec, -ani]	[-espec, +ani]	[-espec, -ani]
Total				
94	37	37	5	15
100%	39%	39%	6%	16%

Tabela 3. Objeto nulo em anúncios de jornal do século XIX, quanto ao antecedente.

Podemos ver que, fora o esperado objeto nulo com antecedente [-específico, - animado] (cf. Cyrino, Duarte e Kato, 2000) constata-

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joaquinho - Para a história do português

mos novamente uma alta incidência de objetos nulos animados, o que é surpreendente, tendo em vista as características do objeto nulo brasileiro, como apresentado acima. Podemos comparar esse resultado com os resultados apresentados em Cyrino (1994/1997), dispostos na tabela abaixo:

Antecedente	[+espec, +ani]	[+espec, -ani]	[-espec, ani]	[-espec, -ani]
Total				
39	1	37	0	1
100%	3%	94%	0%	3%

Tabela 4. Objeto nulo versus preenchimento, quanto ao antecedente, século XIX (adaptado de Cyrino, 1994/1997)

Para explicar essa discrepância, Cyrino (2002) leva em conta a diferença das fontes dos dados nos dois estudos. Enquanto um trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa de língua escrita (anúncios de jornal), os dados em Cyrino (1994/1997) provêm de peças teatrais (comédias), que, supostamente, retratam a língua oral. Mas Cyrino também aponta para o fato de que muitos desses objetos nulos com antecedente animado, aparecem em anúncios de escravos foragidos:

(2) "Quem o prender e ___ trazer em Campinas e ___ pozer na Cadêa..." (SP, 1870)

"Quem delles souber ou prender ___, ou leval-os a seo senhor... (MG, 1854)

Observando os dois parágrafos finais de Cyrino (2002:243), podemos verificar como a memória de língua se corporifica em um texto escrito. Cyrino formula, provisoriamente, a seguinte hipótese:

Nesse estudo, observamos que, quando o objeto nulo ocorre em segunda oração de uma coordenação, a maioria (27/29, ou seja, 93%) está em um anúncio de escravo foragido, e, portanto, tem um antecedente [+animado], o escravo. É interessante notar que quando os antecedentes eram humanos, mas não escravos, não se encontrou nenhum exemplo de objeto nulo, porém há sempre preenchimento nesse tipo de estrutura.

Embora tenham sido considerados [+animado] na codificação dos dados, podemos pensar na situação dos escravos na época e, tendo em vista resultados de outros estudos que mostram o objeto nulo no PB sendo majoritariamente [-animado]

para o século XIX, considerar as implicações que o fato acima poderia ter. Talvez o escravo não fosse considerado como um ser animado, sendo equiparado aos outros bens e objetos descritos nos anúncios.

Na verdade, essas últimas afirmações abrem um caminho de possibilidades – um lugar de reflexão, isto é, no caso em questão, podemos pensar o universo dos acontecimentos exteriores inscritos no interior dos enunciados. Observamos, até mesmo dentro de estruturas, aspectos sutis da língua, que, para o sujeito comum, passam despercebidas, como indicamos anteriormente. Assim, os resultados preliminares dessa análise indicam um caminho para a compreensão de como se encontram na língua marcas do momento histórico.

Outros exemplos nesse *corpus* (cf. Guedes e Berlinck 2000) ilustram esse ponto: em (3), observamos a referência aos serventes, em (4a,b) observamos o objeto nulo com antecedente animado (escravo) e antecedente inanimado, em (5a,b) a alternância entre o preenchimento da posição objeto e o objeto nulo referente ao escravo foragido:

(3) AVISOS. J[oa]o Pereira da Motta, precisa de serventes pretos maxos e femeas, para o serviço de construção das muralhas de segurança ao Theatro de São João, e paga aos maxos á 400 réis e as femeas sendo robustas á 320 réis, e seus jornaes são pagos todos os Sabbados. *Gazeta Commercial da Bahia*, 22 de fevereiro de 1836

(4) a. *Vende-se uma escrava de bôa figura, moça lava sofriavelmente e própria para todo o serviço do uma casa; quem quizer comprar ___ dirija-se a rua do Tinguí casa número 59 que achará com quem tratar. O Bahiano*, 11 de março de 1830

b. A pessoa que perdeu uma clareza da quantia de 50\$000, pode procurar ___ nesta typographia, que dando os signaes, com a ssignatura do devedor e pagando a despesa do annuncio se lhe entregará. Chamamos a attenção dos leitores para este annuncio. *Correio Paulistano*, 26 de setembro de 1879

(5) a. VENDAS. *Vende-se para fóra da terra hum moleque de nação Nagô, de idade de 16 a 18 annos, s[e]m vicio algum, sabe cosinhar perfeitamente o diario de huma casa, não tem molestia alguma, antes he muito sadio; quem o pretender procure fallar*

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

com Antonio Francisco Leite, morador na rua nova do Comercio. *Gazeta Commercial da Bahia*, 22 de fevereiro de 1836

b. Precisa-se de hum preto proprio para todo o serviço de huma casa, quem quizer alugar ___ pode dirigir-se a esta Typografia. *O Amigo da Verdade*, S. João d'El Rei, 9 de junho de 1829

Cyrino (2002:229) apresenta esses anúncios:

O anúncio inicia pela descrição do escravo que fugiu, e depois apresenta a recompensa pela sua prisão ou recuperação. Nesse ponto, há uma estrutura que se repete, com algumas alterações, nos anúncios. Vejamos ... [alguns] exemplos de Minas Gerais:

1. “... a quem o encontrar o faça conduzir com toda segurança...” (MG, 1825)
2. “... a quem os prender entregando-lhos...” (MG, 1829)
3. “Quem der notícias d’elle ou levar ___ ao seu S[e]n[ho]r...” (MG, 1829)
4. “...quem della souber, e der notícias, e a levar a seu senhor...” (MG, 1829)”

Podemos observar nesses trechos a alternância entre o objeto nulo e o preenchimento, justamente nesse tipo de anúncio.

Na continuação deste artigo, procuraremos mostrar que há no nível do sistema outras formas que foram trabalhadas por uma memória histórica e que regulam o funcionamento da língua na constituição da identidade nacional. Interessa verificar como essa memória se configura a partir do estudo da mudança sintática em seus cruzamentos com a rede de sentidos produzidos pela historicidade – pelas relações entre a língua e o imaginário de língua.

3.2 Memória e história

O jornal põe uma relação entre instituição e textualidade, no que diz respeito às práticas relativas à língua, de forma que o que se pode dizer é que o jornal constitui (e se constitui em) um espaço de reflexão/compreensão/interpretação dos sentidos sobre a língua, em fins do século XIX e início do XX.

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanelho - Para a história do português

Desse modo, dizer que os sentidos da língua se fazem na identidade com o de nação (o idioma nacional, a língua-pátria) é de certa forma repetir vários trabalhos que vêm se fazendo pelos estudos da história das idéias lingüísticas no Brasil. O esforço aqui é o de mostrar que nos textos jornalísticos existem metáforas que reescrevem uma sobreposição constitutiva para esse jogo de identidades e, mais ainda, mostrar como esse processo configura um movimento que define as relações imaginárias do trabalho do sujeito sobre a língua. Observemos então um trecho do texto de Silvio de Almeida, que aparece publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 15 de julho de 1907, sob o título de "Divagações". Neste texto, o autor critica fortemente o acordo ortográfico luso-brasileiro, que aconteceu naquele ano:

Ninguém nega que – de parte uma ou outra assignalada excepção – na Academia Brasileira de Letras se reune a fina flor da nossa mentalidade. Alli, como em solenne floresta, vivem, longe de profanos olhares, os insignes pagés da brava gente que a sabida Europa já considera – homens de frak e de chapéu de cocó, que não mais selvagens de tanga, de arco e flecha, e comedores de carne humana...(...)

Mas, seja qual for – e já reconheci que é muita – a autoridade de Academia de Letras, certamente que essa autoridade não acoberta, nem póde acobertar, a sua recente reforma orthographica, que do sempre caustico sr. Carlos de Laet mereceu o carregado nome de cacographia...(...)

O mesmo sr. Olavo Billac, ao que se mostra, entusiasta propugnador do systema, affirmou, e com razão, que este nada tem de "cientifico". Falta-lhe a coherencia, falta-lhe a logica, falta-lhe o espirito conservador da historia, falta-lhe, por fim, o sentimento superior da beleza. As simplificações se confundem com aleijões, que feramente maltratam os nossos habitos visuaes; e não só reformam, mas tambem deformam a graphia do portuguez. Fruto pêco de tantas locubrações doutoraes foi a substituição de umas por outras incongruencias. Mas então é natural que a estas, novas e anomalas, prefiramos aquellas que o uso tolera e até consagra.

Vemos, por exemplo, como Silvio de Almeida, afetado pelos sentidos impostos pela reforma, se coloca em uma posição em que observa que a língua, nessa sua nova ordem, torna-se "fruto pêco", que não vingou. Para o autor, uma língua define-se pelo uso, pela "força assimiladora dos povos que a falam", e não por imposições, "por movimentos intempestivos" feitos pelos "imortais".

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

Estas questões, embora se inscrevam a partir da epígrafe de “Divagações”, servem para situar o trabalho de S.de Almeida na sua época e apresentar o problema de linguagem a que ele responde: a constituição de uma forma de pensar sobre a língua nacional em que a questão da unidade se mantém.

Mas o que significa pertencer à mesma língua? Para Oliveira Lima, que também escrevia no jornal, a resposta mais imediata seria aquela que formula no parágrafo inicial de seu texto, publicado em 22 de julho de 1907, com a seguinte afirmação:

Todas estas formas do contra projecto adoptadas pela Academia (...) uniformizam a escripta e, portanto, o aspecto da lingua vernacula”. Mais precisamente, no momento em que afirma: “Para completa uniformidade della [da língua vernácula] pena foi que, pelo menos, as resoluções tomadas o não tivessem sido de accordo com a Academia de Lisboa (...) na intenção de manterem a integridade do que é commum a essas nacionalidades d'aquem e d'alem-mar – porquanto o estado presente da lingua portuguesa no Brasil, não é tão diferenciado (...), de onde nos veiu a cultura moral com o povoamento e a civilização da terra.

De certo modo, pertencer à mesma língua seria, nesse momento, a marca da extensão de uma mesma civilidade, significando que uma só língua seria compartilhada em terras diferentes. Como os filhos se estendem aos pais, a nação é então corpo jovem – “rebento da nacionalidade portuguesa, plantado e crescido noutra continente”, e a reforma, que fabrica as regras “em separado ou distintas das que prevalecem em uso corrente na antiga metrópole”, produz o corpo deformado, o “fruto pêco”, que não vingou. Essa atitude pode ser explicada como um “ardor da mocidade”. Efeitos dos jogos de identidade e representação numa política de línguas.

É interessante compreender como a metáfora-local modulada, organizada argumentativamente pela expressão referencial “no Brasil”, relativizando os efeitos de retórica na memória, aparece sustentando o dizer nas formulações desses autores, construindo os sentidos da identidade nacional.

Conclusão

Sabemos que, no período que se estende do século XVI a meados do século XVIII e início do século XIX, a constituição histórico-social se fez em pelo menos dois pólos, como afirma Luchesi (2001:100):

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joaquinho - Para a história do português

a) o pólo das camadas médias e altas da sociedade brasileira, com um comportamento lingüístico conservador da bastante reduzida elite colonial, com padrões lingüísticos e culturais da Metrópole.

b) o pólo das camadas populares, desde os primeiros séculos com drásticas transformações lingüísticas decorrentes do extenso, massivo e profundo contato do português com as línguas africanas e indígenas.

Assim sendo, o português, no Brasil, foi aprendido em condições sociais muito precárias. Interessa-nos compreender como regularidades e diferenças importantes se apresentam no tratamento e no uso do português do Brasil. Pode-se explicar a linguagem com base em descrições e representações da construção do saber lingüístico em suas relações com os saberes sociais, de um ponto de vista histórico. E essa compreensão sobre a natureza e o funcionamento da linguagem se faz, conforme Auroux, pelo processo mesmo de gramatização das línguas.

Esse movimento de trazer a história para os estudos da linguagem não se faz de maneira automática e imediata, mas aponta para uma compreensão e um estudo da constituição dos saberes sociais. Desse modo, para alcançar uma compreensão dos saberes sobre a língua, sem que a linguagem seja reduzida meramente a um meio de expressão de uma estrutura global das relações sociais e sim, como realidade histórica, memória discursiva acontecimento lingüístico, é preciso ter em conta o processo da gramatização, pois, como acima indicamos, para esse autor:

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes lingüísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional, a expansão colonial, o proselitismo religioso, as viagens, o comércio, os contactos entre línguas, ou o desenvolvimento dos conhecimentos conexos como a medida, a anatomia ou a psicologia. (Auroux 1992: 28)

Finalmente, gostaríamos de acrescentar que nosso trabalho situa-se nesse espaço em que se relaciona o social e o histórico na constituição dos sentidos que fundam a construção dos saberes sobre a língua no Brasil no período anteriormente referido.

Desse modo, nosso esforço, na continuação da pesquisa, será o de verificar como se constrói ao longo do tempo a relativa identidade dos saberes sobre a língua. Procuraremos identificar se há uma materialidade que se revela pela memória trazida por esse processo. A grande empreita desse trabalho será então a de compreender a constituição do

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

conceito de língua nacional paralelamente aos saberes que tal compreensão evidencia a partir do discurso da imprensa entre fins do século XIX e início do XX.

O nosso propósito será refletir sobre essas questões a partir de resultados anteriores sobre a mudança sintática do Português Brasileiro. Pretendemos tomar esse assunto em sua dimensão histórica, ou seja, tentar compreender que práticas fizeram com que o sujeito extra-lingüístico, que não deixava sua identidade (de brasileiro) transparecer pela língua, passasse a se marcar no interior dos enunciados, através de inovações lingüísticas, como o aumento do uso de certas estruturas, que eram aceitas pela comunidade.

Notas

1. Os fragmentos citados foram traduzidos por Mariângela Joanilho do original em francês.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- CYRINO, S.M.L. (1993) "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos" In I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português brasileiro - uma viagem diacrônica* Campinas, Editora de UNICAMP.
- CYRINO, S.M.L. (1994/1997) *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico* Londrina, Editora da UEL.
- CYRINO, S.M.L. (2002) "Complementos nulos em anúncios de jornal do séc. XIX". In Alckmin, T. (org) *Para a história do português brasileiro volume III: novos estudos* São Paulo, USP/Humanitas - Unicamp/IEL.
- CYRINO, S.; DUARTE, M.E. & KATO, M. (2000) "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese" In M. Kato & E. V. Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* Frankfurt & Madrid, Vervuert-Iberoamericana.
- DUARTE, M.E.L. (1986) *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil* dissertação de mestrado, PUC-SP.
- GUIMARÃES, E. (1996) "Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: a Gramatização Brasileira." Em GUIMARÃES, E. e ORLANDI, E. (Orgs.) *Língua e cidadania: o Português no Brasil*. Pontes, Campinas. (pp. 127 e 128).

Sonia M. L. Cyrino e Mariângela P.G. Joanilho - Para a história do português

GUIMARÃES, E. e ORLANDI, E. (1998) "La formation d'un espace de products linguistique: la grammaire au Brésil". IN Auroux, S. Orlandi Mariere, F. *Langages: L'hyperlangue brésilienne*. (nº130). Paris: Larousse.

JOANILHO, M. P. G. (2005) *As metáforas da língua nacional*. UNICAMP: Campinas (Tese de Doutorado – inédita)

LUCESI, D. (2001): "As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000)" em: *D.E.L.T.A.* 17, págs. 97-130.

NUNES, J. (1993) "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro" In I. Roberts & M. Kato (orgs.) *Português brasileiro - uma viagem diacrônica* Campinas, Editora de Unicamp.

Palavras-chave: jornal, discurso sobre a língua, identidade, diferença

Key-words: newspaper, discourse on the language, identity, difference